



PJ Inspetor preso no 'caso do ouro' era 'craque'

FATOS DE GRIFFE, POSE ALTI-VA, EGO ASSUMIDO. Era assim, contam fontes conhecedoras, o inspetor da PJ de Setúbal João de Sousa, 42 anos, sob prisão preventiva, desde o dia 29, por alegado envolvimento, com empresários, num processo de fraude de compra e venda de ouro. Conhecido como *inspetor CSI*, impressionava os estagiários da Judiciária com quem lidava: apostava forte nas perícias técnicas e forenses – em casos de homicídio, por exemplo, a sua especialidade. Também revelava uma habilidade psicológica acima da média, arrancando confissões impossíveis, apenas com recurso a artifícios mentais. Até dava aulas no ensino superior, partilhando o muito que sabia de anatomia patológica, citológica e tanatológica.



Mas João de Sousa era, igualmente, uma pessoa «difícil», relatam as fontes consultadas. Invetivava colegas pelo sentido que imprimiam a averiguações, sobretudo quando essas opções resultavam da sensibilidade pessoal, usando, passe o eufemismo, uma «linguagem exuberante». Após a detenção, o que se soube pode explicar a sua perdição: queria sair da PJ e terá admitido, ao juiz de instrução, que fornecia informação sobre inquéritos em curso, a Paulo Martinho, empresário do setor. Em

causa está a suposta recetação de ouro roubado e, depois, transformado e vendido sem registo, em lojas, derivando daqui indícios de corrupção, fraude fiscal e branqueamento de capitais. Paulo Martinho pagaria os «favores» investindo num laboratório privado de investigação forense, de João de Sousa, a que recorreriam, por exemplo, defensores de acusados de homicídio, por forma a contrariar as conclusões do Instituto de Medicina Legal e do Laboratório da Polícia Científica. ▀